

PROFISSÕES NA DENOMINAÇÃO DE RUAS DO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL: HOMENAGEM AOS CONSTRUTORES DA RIQUEZA DA RCI

Vitalina Maria FROSI¹
Carmen Maria FAGGION
Giselle Olívia Mantovani DAL CORNO

RESUMO

Os primeiros habitantes da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI) foram imigrantes oriundos das regiões setentrionais da Itália, que aqui chegaram entre 1875 e 1914, constituindo um universo lingüístico e cultural rico e diversificado. Por terem sido assentados num espaço agreste e hostil, em terras impróprias para a atividade pastoril, a opção inicial pela agricultura significou para as famílias a sua sobrevivência. Vários imigrantes, porém, trouxeram na bagagem outras habilidades, colocadas em prática a serviço da própria subsistência e do desenvolvimento das incipientes comunidades da região. Essas habilidades manifestaram-se na fabricação de utensílios domésticos e agrícolas, roupas e calçados, que contribuíram, por sua vez, para o fortalecimento das atividades agrícolas. Os resultados positivos desse empreendedorismo já se podiam notar desde a primeira Exposição Agroindustrial do município de Caxias do Sul, realizada em 1881. Pouco mais de um século depois, Caxias do Sul decide homenagear esses trabalhadores ao propor a referência às profissões mais comuns na cidade para a denominação de ruas de um loteamento. Neste trabalho, propomos uma breve descrição desse processo, oferecendo dados que permitam resgatar a importância desses profissionais no desenvolvimento da RCI. Além disso, procuramos associar essa homenagem à identificação dos descendentes de italianos com um dos valores trazidos pelos imigrantes, o trabalho, já que foi este um dos meios de impedir que a fome e a miséria, abandonadas por eles ao partir da Itália, não se repetissem no Novo Mundo.

PALAVRAS-CHAVE: colonização; profissões; etnia italiana; hodônimos; trabalho.

Introdução

Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do Projeto Toponímia. Dentre os vários segmentos compreendidos por esse Projeto, selecionamos aqui o das ruas de Caxias do Sul que possuem nomes de atividades e profissões, a maior parte delas, exercidas nesse município pelos imigrantes italianos desde as primeiras décadas da colonização.

¹ UCS - Professoras Centro de Ciências Humanas e Comunicação do Departamento de Letras. Bloco H. Rua Francisco Getúlio Vargas, nº 1130. Bairro Petrópolis. 95070-560 Caxias do Sul – RS – BRASIL. Telefone: (0055) 54-32182171. Fax: (0055) 54- 32182500. E-mail: Vmfrosi@ucs.br; gomdcorn@ucs.br; Cmfaggio@ucs.br

Nosso estudo dos hodônimos² abrange uma área interdisciplinar e, como tal, apóia-se em princípios teóricos de vários campos do saber. Especificamente, serão considerados elementos socioeconômicos e lingüístico-culturais próprios do grupo étnico italiano e sua representatividade na escolha dos nomes de ruas. Será investigada também a influência de Órgãos do Poder Público atuantes no processo de denominação de ruas. Caxias do Sul está situada no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, estimativa feita em 2007, sua população é de 405.858 habitantes. Suas ruas e praças compreendem hoje um total de 3530. Neste estudo, contemplamos apenas uma pequena parcela desse universo, isto é, vinte e sete hodônimos. Entendemos que analisar esses hodônimos, em seus vários aspectos, é uma forma de preservar, além do nome oficial ou popular, o sentido que eles possuem para a história da localidade.

Os topônimos: seu significado

Os topônimos são nomes de lugares, próximos ou distantes. Pela linguagem recortam o mundo e nele se instituem como pontos de referência, como marcos norteadores, como sinais lingüísticos que circunscrevem determinados espaços, apontam seus limites e também ordenam todas as peças do universo infinito. De acordo com sua natureza, os topônimos se agrupam em várias categorias, dentre elas a dos hodônimos. Os hodônimos carregam consigo significados que nem sempre apreendemos de imediato quando os lemos ou os ouvimos, no vaivém rotineiro da vida em nossas cidades. Eles encerram, todavia, parcelas da história e traços indeléveis da passagem dos homens que transitaram e viveram no espaço por eles denominado. Há

² Neste estudo, usamos o termo 'hodônimo' para referir nomes de ruas, praças e avenidas.

nomes quase incógnitos, indecifráveis, escritos em tabuletas, esquecidos nas teias do tempo. Precisamos de mais atenção para conhecê-los; talvez, a interlocução possa desvelar-lhes o sentido, tirá-los das sombras e pô-los à luz no lugar que lhes é devido. Não poucas vezes, nomes há que nada dizem a um primeiro contato. Apesar disso, nomes conhecidos ou não, são eles o itinerário a ser percorrido para uma leitura consensual do passado de um povo. Em cada esquina, uma placa mostra um nome. Às vezes, os passantes buscam nele apenas um endereço, uma orientação rumo a um determinado lugar, nada mais do que isso. O nome da placa funciona, então, como um signo aparentemente vazio, tosco, como rude na sua forma é a concha que guarda em seu ventre uma pérola de real valor. Um signo toponímico não é um mero sinal gasto pela passagem do tempo e pela sucessão de múltiplas gerações: ele é uma síntese, um elo no tempo entre o passado e o presente, à espera de um decodificador.

Hodônimos de profissões

As profissões representadas nos hodônimos que selecionamos não são aquelas que normalmente gozam de maior prestígio socioeconômico na comunidade em que se inserem. Embora expressas por nomes portugueses, elas trazem à memória de um tempo de vida difícil, de luta e trabalho mas também de grande criatividade dos pioneiros da RCI. A par da agricultura de subsistência praticada pela maior parte dos habitantes dessa Região, outras atividades, exercidas só por alguns, respondiam às necessidades próprias dos núcleos populacionais que, em curto espaço de tempo, foram se transformando em grandes cidades. Ao analisar a imigração italiana do sul do Brasil, Octávio Ianni (1979, p. 12) diz que, além do objetivo de colonizar áreas despovoadas, havia também a preocupação de criar novas atividades, trazendo imigrantes com capacidade artesanal,

imigrantes que “soubessem fazer coisas”, que tivessem conhecimento de técnicas úteis ao desenvolvimento econômico. Mais adiante, Ianni (1979, p. 16) diz que, a par dos colonos, vieram também “artesãos autônomos, como alfaiates, sapateiros, barbeiros, marceneiros” e outros.

Nossa tendência inicial teria sido a de considerar estes hodônimos representativos de profissões vinculando-os a uma herança cultural transplantada na RCI pelos imigrantes oriundos do norte da Itália. Aliás, não é difícil encontrarmos denominações de profissões nas ruas de muitas cidades italianas, fazendo referência a atividades que, no passado, eram lá desenvolvidas. Dentre tantas, a título de exemplificação, em Firenze, a *Via dei Calzaiuoli* quer lembrar a todos os que por ela transitam as numerosas lojas de meias que do século XIV ao século XVI existiam nessa rua (GUCCERELLI, 1985, p. 80). Em Veneza, são muitas as ruas que conservam hodônimos provenientes de profissões como, por exemplo, *La Merceria*, indicativa da rua em que, no passado, se instalaram os mercadores de tecidos e de artigos para vestuário como botões, fitas, alfinetes etc. Em Milão, a *Via degli Artieri*, conforme Vittore Buzzi e Claudio Buzzi (2005, p. 22) “vuole ricordare gli operai laboriosi e intelligenti che furono alla base della prosperità economica di Milano lavorando nelle numerose piccole officine e nei laboratori.”³

A Comissão de Denominação de Ruas, ligada à Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, encaminhou ao Legislativo Municipal, em abril de 1988, a Indicação nº. 236, propondo a denominação de 27 ruas do loteamento Belo Horizonte e sugerindo para elas nomes de profissões, especialmente os mais comuns em nossa cidade. Observando-se os nomes sugeridos, pode-se perceber que essa motivação se justifica como uma homenagem aos humildes construtores da riqueza desta cidade. Naquele

³ Quer lembrar os operários laboriosos e inteligentes que estiveram na base da prosperidade econômica de Milão trabalhando nas numerosas e pequenas oficinas e nos laboratórios. [Trad. nossa].

mesmo ano, o processo nº. XXVIII/1988 teve a sua aprovação. É importante assinalar que os hodônimos indicativos de profissões exercidas pelos ítalo-brasileiros na RCI contemplam ruas de um bairro de Caxias do Sul cujos moradores são, predominantemente, de origem étnica luso-brasileira e, como não podia ter sido diferente, os nomes utilizados no processo de denominações são portugueses, a língua oficial do Brasil. No presente caso, não faz sentido dizer que determinada rua do Bairro Santa Fé se chama Rua dos Agricultores porque nela moravam as pessoas que exerceram essa profissão, nem em outras ruas desse mesmo bairro teriam os habitantes praticado, por exemplo, a atividade de construir móveis, janelas e portas ou a de cortar cabelos e fazer barba, ou de criar abelhas para extração de mel, ou ainda de tantas outras profissões que constituem hodônimos daquele bairro. As denominações das ruas do Loteamento Belo Horizonte, Bairro Santa Fé, constantes na sua forma plural, traduzem a idéia de abrangência, de coletividade, de inclusão de todos aqueles pertencentes à mesma categoria. Todos os que são objeto deste estudo estão configurados com a marca de plural. Assim sendo, a lei nº. 3238 do ano de 1988 determinou para aquelas ruas as seguintes denominações:

- | | | |
|-----------------------------|---------------------------------------|------------------------------|
| 1. Das Bordadeiras | 10. Dos Cerzidores | 19. Dos Pedreiros |
| 2. Das Tricoteiras | 11. Dos Cesteiros | 20. Dos Pintores |
| 3. Dos Agricultores | 12. Dos Chapeleiros | 21. Dos Relojoeiros |
| 4. Dos Alfaiates | 13. Dos Funileiros | 22. Dos Sapateiros |
| 5. Dos Apicultores | 14. Dos Jardineiros | 23. Dos Tanoeiros |
| 6. Dos Barbeiros | 15. Dos Latoeiros | 24. Dos Telegrafistas |
| 7. Dos Caminhoneiros | 16. Dos Lenhadores | 25. Dos Torneadores |
| 8. Dos Carpinteiros | 17. Dos Metalúrgicos (Avenida) | 26. Dos Vidraceiros |
| 9. Dos Carteiros | 18. Dos Ourives | 27. Dos Viticultores |

Além das profissões representadas pelas denominações dessas ruas, outras atividades profissionais foram igualmente praticadas em Caxias do Sul, embora não tenham sido contempladas com atribuições de seus nomes a ruas. Uma relação extensa dessas profissões, praticadas desde a primeira década da colonização italiana, pode ser

observada nos Livros de Lançamentos dos contribuintes de impostos de indústrias e profissões. Esses livros de registros, escritos a mão, disponíveis para consulta de estudiosos, encontram-se no Arquivo Histórico João Spadari Adami dessa cidade. No que importa aqui, dentre aqueles livros, consultamos os dos anos 1892, 1893, 1894, 1895, 1899, 1900 e 1903; todos eles podem ser localizados pelo código V. 03 01 05.

Algumas dessas atividades eram rigidamente atribuídas ao gênero feminino, outras ao gênero masculino e outras mais a ambos os gêneros. Deste modo, as profissões ligadas ao ato de bordar, tricotar, fazer franjas, costurar roupas para crianças, e em parte para os adultos, era, por tradição, uma atividade marcadamente feminina. Contudo, no que se referia especificamente a confeccionar ternos para homens era tarefa própria dos alfaiates, muito raramente das costureiras que, apesar de possuírem as técnicas dos trabalhos com agulhas, não se ocupavam disso, de modo geral. Tais conseqüências sociais e culturais separavam assim a maior parte das profissões, normalmente, em dois grupos: masculinas e femininas.

Os hodônimos **Das Bordadeiras** e **Das Tricoteiras** homenageiam mulheres por sua dedicação a atividades que somavam a beleza dos pontos e das tramas ao sentido utilitário. Uma segunda observação faz-nos pensar que o gênero feminino era contemplado com tipos de hodônimos, nesse caso, portadores de significados não apenas dos produtos estéticos, confortáveis e de função utilitária que as mãos produziam, mas também por se tratar de profissões economicamente pouco rentáveis e, por isso mesmo, reservadas ao gênero feminino. Os bordados e os tricôs eram, de modo geral, destinados ao uso doméstico, aos panos da casa, dos quartos, do banho e da cozinha, das roupas íntimas. Além disso, as atividades feitas com agulhas, principalmente bordados, crochês e filés davam feição estética exemplar às estolas e vestes usadas pelos padres e às toalhas sobrepostas nos altares das igrejas. Quando tais

produtos eram finalizados à venda, os valores advindos eram somados à economia para o sustento da família. O hodônimo **Dos Cerzidores**, apesar de estar configurado na forma masculina, refere-se a uma atividade preponderantemente feminina. (Nos colégios de irmãs religiosas de Caxias do Sul, havia exímias cerzideiras). Os hodônimos **Dos Barbeiros, Dos Caminhoneiros, Dos Carpinteiros, Dos Funileiros, Dos Lenhadores, Dos Metalúrgicos, Dos Pedreiros, Dos Pintores, Dos Relojoeiros, Dos Ourives, Dos Alfaiates, Dos Sapateiros, Dos Tanoeiros, Dos Torneadores, Dos Vidraceiros e Dos Sapateiros** assinalam o papel socioeconômico dos homens na comunidade caxiense. Essas profissões foram exercidas já nas primeiras décadas da história local e tiveram vigência durante um longo período, algumas delas ainda estão presentes nos dias atuais. Reportavam-se essas atividades, via de regra, ao gênero masculino. As profissões homenageadas contavam com remuneração destinada não só à economia da família como também à construção do patrimônio material do grupo familiar. Além disso, tais profissões destinavam-se ao serviço da comunidade, às vezes, também àquelas geograficamente próximas a Caxias do Sul. Quando, excepcionalmente, as mulheres tomavam parte na prática dessas profissões, era na condição de auxiliares, de prestar ajuda e apoio aos respectivos maridos ou a outro elemento de sexo masculino componente da família. Os hodônimos das profissões **Dos Agricultores, Dos Apicultores, Dos Cesteiros, Dos Chapeleiros, Dos Jardineiros, Dos Latoeiros, Dos Lenhadores, Dos Telegrafistas, Dos Metalúrgicos e Dos Viticultores** são atribuídos ao gênero masculino. Na realidade, contudo, sabe-se que a mulher ítalo-brasileira participou, de modo geral e sempre, em todas essas atividades, particularmente, nas primeiras décadas da colonização. Nesse último grupo, a linha que separa os dois gêneros é muito tênue e, não poucas vezes, inexistente. A historiadora Maria Abel Machado (1999, p. 413) afirma que:

... a mulher imigrante, ao chegar na nova terra, teve de enfrentar todas as dificuldades decorrentes de uma nova vida, numa região ainda desabitada, participando, com o seu trabalho, na derrubada da mata virgem, na construção das primeiras casas e no plantio das primeiras sementes, além de todas as atividades domésticas e do cuidado e educação dos filhos.

Podemos acrescentar que não só a mulher imigrante participou ativamente nessas profissões representadas nos hodônimos, mas também, por muitas décadas, as mulheres ítalo-descendentes (algumas até hoje) emprestaram suor, fadiga e sofrimento ao duro trabalho exercido pelos homens. Além disso, também nos centros urbanos “a mulher se ocupou das atividades tidas como masculinas, nas oficinas, artesanatos, comércio e manufaturas, colaborando e até dirigindo os negócios, com competência e maestria.” (MACHADO, 1999, p. 413).

Análise morfofonêmica e etimológica dos nomes de profissão

Os hodônimos aqui estudados são formados por um sintagma composto pelo elemento genérico *rua* (ou *avenida*, em um caso) mais um elemento especificador, introduzido pela preposição *de* + artigo plural, mais um nome de profissão na forma plural. Na perspectiva lingüística sincrônica (CÂMARA Jr., 1970, p. 71-86), o maior número dos hodônimos destas profissões têm seus nomes formados basicamente através do sufixo derivacional temático **-eiro** ou **-ore** acrescidos do sufixo flexional feminino **-a**, quando designativo desse gênero e do sufixo flexional de número plural **-s** quando é feita a marcação desse número. O Quadro nº. 1 dá uma visão dos elementos estruturais morfofonêmicos desses nomes. No entanto, é sabido que as palavras derivadas, no dizer de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 71) “não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico”. Isto significa que nem todas as palavras da língua portuguesa aceitam sufixos derivacionais. Observa-se também que,

dado um constituinte lexical básico ou um radical primário, a ele pode-se adjungir um sufixo derivacional resultando dessa operação um “radical secundário de primeiro grau (v. g. *formal*, como derivado de *forma*), um radical secundário de segundo grau (v. g. o radical do verbo *formalizar*, derivado de *formal*), um radical secundário de terceiro grau (como em *formalização*, derivado de *formalizar*) e assim por diante” (CÂMARA JR. 1969, p. 51).

Quadro nº. 1
Elementos morfofonêmicos estruturais dos nomes indicativos de profissões

NOMES	Radical	VT do R	SD	VT do SD	SFG	SFN
Agricultores	Agricul	zero	tor	e	zero	s
Alfaiates	Alfaiat	zero	zero	e	zero	s
Apicultores	Apicul	zero	tor	e	zero	s
Barbeiros	Barb	zero	eir	o	zero	s
Bordadeiras	Bord	a	ad+eir	zero	a	s
Caminhoneiros	Caminhon	zero	eir	o	zero	s
Carpinteiros	Carpint	zero	eir	o	zero	s
Carteiros	Cart	zero	eir	o	zero	s
Cerzidores	Cerz	i	dor	e	zero	s
Cesteiros	Cest	zero	eir	o	zero	s
Chapeleiros	Chapel	zero	eir	o	zero	s
Funileiros	Funil	zero	eir	o	zero	s
Jardineiros	Jardin	zero	eir	o	zero	s
Latoeiros	Lat	o	eir	o	zero	s
Lenhadores	Lenh	a	dor	e	zero	s
Metalúrgicos	Metal	zero	urgic	o	zero	s
Ourives	Our	zero	ives	zero	zero	zero
Pedreiros	Pedr	zero	eir	o	zero	s
Pintores	Pint	zero	or	e	zero	s
Relojoeiros	Relej	o	eir	o	zero	s
Sapateiros	Sapat	zero	eir	o	zero	s
Tanoeiros	Tano	o	eir	o	zero	s
Telegrafistas	Telegraf	zero	ist	a	zero	s
Torneadores	Torn	e	ad+or	e	zero	s
Tricoteiras	Tricot	zero	eir	zero	a	s
Vidraceiros	Vidr	zero	ac+eir	o	zero	s
Viticultores	Viticul	zero	tor	e	zero	s

VT do R = Vogal temática do radical. **SD** = Sufixo derivacional. **VT do SD** = Vogal temática do sufixo derivacional. **SFG** = Sufixo flexional de gênero. **SFN** = Sufixo flexional de número.

Bordadeiras e tricoteiras

O *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antonio Geraldo da Cunha (1997), em consonância com o Houaiss (2001), atribui a provável origem do vocábulo **bordadeira** ao francês *bord*, derivado do frâncico **bord*, ambos elementos antepositivos referentes a “contorno de uma superfície” (séc. XII), gerando vocábulos de diferentes classes gramaticais com sentidos como “beira”, “aquilo que circunda”, “margear”. *Bordar*, assim, primitivamente remete à idéia de contornar uma borda, como o que se fazia em peças de vestuário e adereços, para ornamentá-los com elementos decorativos passados à mão ou à máquina com uma agulha. Essa forma verbal perde a vogal temática da primeira conjugação **-a** e perde também a desinência do modo infinitivo **-r** ao se adjungir o sufixo derivacional **-ad**. Como resultado temos um novo radical *bordad* a que se acresceu o sufixo derivacional **-eir**, indicativo de agente (a pessoa que realiza a atividade ou exerce a profissão), + **-a** sufixo flexional de gênero feminino, + **-s** sufixo flexional de número plural. Em **tricoteiras**, o vocábulo de origem é o francês *tricot*, e a manutenção do *t* no radical indica que o verbo *tricotar* foi introduzido na língua portuguesa anteriormente à forma aportuguesada do substantivo *tricô*. Verifica-se nesse verbo de primeira conjugação a supressão da vogal temática **-a** e o apagamento do **-r** sufixo flexional do modo infinitivo. Ao radical, é acrescentado o sufixo derivacional indicativo de agente **-eir**, + **-a** sufixo flexional de gênero feminino, + **-s** sufixo flexional de número plural.

Barbeiros, caminhoneiros, carpinteiros, carteiros, cesteiros, chapeleiros, funileiros, jardineiros, latoeiros, pedreiros, relojoeiros, sapateiros, tanoeiros, vidraceiros.

Os elementos estruturais presentes na formação desses vocábulos obedecem aos mesmos princípios descritos para os dois itens anteriores, com a ressalva de que, para cada item lexical desta série, o sufixo derivacional **-eiro** é temático e a ele se adjungiu o

sufixo flexional de número plural **-s**. O morfema de gênero masculino é zero, ficando, todavia, perfeitamente compreensível pela oposição virtual de todas essas formas àquelas femininas correspondentes, marcadas pelo sufixo flexional feminino **-a**. Outra característica em comum entre esses vocábulos é a de serem, na sua maioria, derivados de um substantivo que indica o objeto, instrumento ou produto da profissão. Assim, na perspectiva diacrônica, em **barbeiro**, o “indivíduo que apara barbas e cabelo”, tem-se como origem o vocábulo latino *barba,ae*, com a mesma acepção do português, mas incluindo também o pêlo dos animais. **Caminhoneiro** tem sua origem provável no francês *camionneur* (séc. XVI, hoje presente em *camion*, de onde derivam os substantivos de uso preferencial na variedade lusa, como *camioneta*), mas toma como radical parte da forma aportuguesada *caminhão, caminh-*.⁴ **Carteiro** forma-se a partir do elemento antepositivo do latim *charta,ae* ou *carta,ae*, num empréstimo antigo e latinizado do grego *khártés*, significando a “folha de papel” (ainda feita da entrecasca do papiro) e, por extensão de significado, “folha escrita, carta, livro, registros públicos, documentos escritos”, donde o sentido atual de “profissional encarregado da distribuição de cartas e outros documentos”. **Cesteiro** origina-se do latim *cista,ae*, “cesto”, e este do grego *kísté,és* de mesma significação. Segundo Houaiss (2001), o elemento antepositivo *cest-* ocorre no vernáculo desde as origens da língua portuguesa. Um pouco mais longo é o trajeto percorrido nas línguas para se chegar a **funileiro**, o indivíduo especializado em trabalhos com folha-de-flandres. Segundo o Houaiss (2001), a origem é o elemento antepositivo *fund-*, verbo latino *fundó, is, fúdi, fúsum, fundère*, com o significado de “verter, derramar, espalhar” e correspondente ao verbo do grego *khéó*, “em conexão com líquidos, em especial de metal em fusão, donde o sentido técnico de “fundir” nas línguas românicas (como *fondere*, em italiano; *fondre*, em francês, catalão

⁴ Embora não lexicalizado, popularmente utiliza-se, no sul do Brasil, a variante *camioneiro*.

e provençal; *fundir*, em espanhol e português), donde se originou *fundibulum*, *i* com o significado de “funil” (talvez pelo provençal [*en*]/*fonilh*, resultando no espanhol *fonil*, e no português *funil*). **Jardineiro** tem como origem o francês *jardin*, atestado já no início do século XII como forma diminutiva do francês antigo *jart*, significando “horto”, originário do frâncico **gard*. A forma **latoeiro**, hoje estatisticamente pouco empregada, designa o mesmo profissional denominado *funileiro*. Os dicionários consultados indicam como origem o substantivo *latão*, sob a forma radical *lato-*, com desnasalização, e Cunha (1997) sugere uma provável derivação do antigo francês *laton*, derivado do árabe *lātūn* (“cobre”). Interessante também é a origem de **pedreiro**, formado a partir do elemento antepositivo *petr-*, do latim *petra,ae* significando “rochedo, pedra”, num empréstimo antigo do grego *pétra,as* (fem.). Houaiss (2001) traz a informação de que “Ernout e Meillet admitem que o empréstimo tenha sido através da linguagem dos marinheiros, recordando ainda que a palavra latina era *saxum* (...) e que *petra* foi evitada pelos bons escritores; *petra*, entretanto, foi corrente na língua popular, usado na Vulgata (em jogo de palavras com *Petrus*, do gr. *Pétros* “Pedro”). **Relojoeiro** parte da forma radical *reloj-*, elemento antepositivo com origem no latim *horologiūm,ī*, do grego *hórológion*, ou “quadrante solar em que se lia a hora, relógio”. Na língua portuguesa já se encontravam as formas históricas *relogeyro*, em 1654, e *relojoeiro* e *relojeiro*, em 1720. **Sapateiro** origina-se de *sapato*, tendo o registro das seguintes formas históricas: *zapatero*, em 1124, *zapateiro*, em 1154, *capateiros*, em 1391, *çapateiro*, em 1392, *çapateyro*, no século XIV, e finalmente a forma atual a partir de 1720 (HOUAISS, 2001). O **tanoeiro** é o profissional que fabrica barris e tonéis, originalmente recipientes feitos em couro, como atesta a origem *tano-* ou *tona-*, elemento antepositivo do baixo-latim *tūnna,ae* “pele, couro”, de origem céltica ou do baixo bretão *tanu-*. **Vidraceiro** parte do elemento antepositivo *vitr-*, do latim *vitrum,i*,

“vidro”, ao qual se acresce o sufixo *-aça*, formador de substantivo, indicando o que se verificava na região em estudo: o substantivo designa mais aquele que coloca o vidro em caixilhos, fabricando vidraças, que aquele que fabrica o vidro. Tanto **carpinteiro** como **chapeleiro** são substantivos que já entraram na língua portuguesa designando profissões. O latim *carpentarius,ii* significa “construtor, carpinteiro de carros, carruagens”, derivado do adjetivo *carpentarius,a,um* “relativo ao carro chamado *carpentum*”, provavelmente de origem celta. Já a forma latina *capellus* originou o francês *chapel*, de onde deriva *chapelier,ière* (sendo registradas em 1268 a forma masculina e, em 1299, a forma feminina) designando “fabricante ou comerciante de chapéu”.

Agricultores, apicultores, cerzidores, lenhadores, pintores, torneadores, viticultores

Num primeiro grupo dessa série, reunimos os vocábulos **agricultores**, **apicultores**, **viticultores** e **pintores** por apresentarem, em nível sincrônico, radicais atemáticos, isto é, os três primeiros terminados pela consoante **-l**, o último pela consoante **-t**. O cotejo entre **agricultor**, **agricultar**, **agricultável**, **agricultura**, por um lado, e **agrícola/a**, por outro, leva-nos a considerar a existência de um radical **agricol-** como variante sincrônica do radical **agricul-**. Partindo disso, ainda por paralelismo estrutural, interpretamos o sufixo derivacional **-tor** como variante morfológica do sufixo derivacional **-or**. Em prosseguimento, **apicultor** (com um radical **apicul-**) conta com a variante **apícola** (com um radical **apicol-**), razão por que consideramos, a nível sincrônico, o sufixo derivacional **-tor** como uma variante morfológica de **-or**. Novamente, um paralelismo estrutural leva-nos a classificar, numa análise sincrônica, um radical **viticul-** (em viticultor) como variante mórfica de **vitícol-** (em vitícola) e,

portanto, um sufixo derivacional **-tor**, variante de **-or**. Na perspectiva diacrônica, os três primeiros unem ao elemento **cult-**, do verbo latino *colo, is, colui, cultum, colere* (“cultivar; habitar, morar em, cuidar de”), outros elementos antepositivos que especificam aquilo que é cultivado ou recebe os cuidados: **agr(i)-**, do latim *ager, i* (“campo, domínio, território”), já presente na forma latina *agricultor, óris*, o indivíduo que lavra e cultiva a terra; **api-**, do latim *apis, is*, indica o indivíduo que cria abelhas; **vit(i)-**, do latim *vitis, is* (“vinha, cepa de vinha”), adaptado do francês *viticulteur* (CUNHA, 1997), indica o indivíduo que cultiva vinhas (no caso da RCI, atividade marcante até os dias de hoje). Já **pintores** provém do latim vulgar **pinctor, óris*, do latim clássico *pictor, óris*, por sua vez derivado do verbo *pingere*, significando “pintar, ornar ou cobrir de pintura, tingir”. A derivação desses quatro vocábulos indicativos de profissão se faz mediante acréscimo do sufixo temático **-ore** mais o sufixo flexional de número plural **-s**. Um segundo grupo dessa mesma série é constituído por **cerzidores, torneadores, lenhadores**, derivados, respectivamente, dos verbos **cerzir** (“remendar, coser”), **tornear** (neste caso, “lavar ou modelar ao torno”) e **lenhar** (“rachar lenha”). Esses vocábulos conservam as respectivas vogais temáticas, o primeiro da terceira conjugação **i**, o segundo e terceiro, a vogal temática **a** da primeira conjugação. A derivação se faz mediante acréscimo dos sufixos temáticos **-dore** ou **-tore** ou ainda pelo sufixo **-ore** (caso de pintores). Na mesma ordem de adjunção na parte externa dos radicais é acrescentado o sufixo flexional de número plural **-s**. Uma análise etimológica revela que **cerzir** origina-se do verbo latino *sarcire* (“coser vestidos, remendá-los; reparar, consertar”); **lenhar** tem origem no substantivo latino *lignum, i* (“madeira para queimar”) e **tornear**, no substantivo latino *tornus, i* (“torno, máquina para tornear marfim, madeira etc.”), e este, por sua vez, do grego *tórnos, ou* “torno”, donde se chega, por extensão, a “forma arredondada, curvatura;

movimento circular”. Conforme Houaiss (2001), o latino *tornus* é atestado desde Lucrécio (98-55 a.C.).

Alfaiates, metalúrgicos, ourives, e telegrafistas.

Em **alfaiates**, temos um radical **alfaiat-**, mais a vogal temática **-e**, mais o sufixo de número plural **-s**. O radical **alfaiat-** é originário do árabe *al-ḥayyât* “alfaiate, costureiro”, que, por sua vez, origina-se do verbo do *kháta* (“coser”). São registradas por Houaiss (2001) as formas históricas *alfayate*, 1255; *alfaate*, 1256; *alfeate*, 1272; e do século XV em diante, *alffayate*. No vocábulo **metalúrgicos**, podemos reconhecer um radical primário **metal-**, a que se sucede um radical secundário de primeiro grau, isto é, **metalúrgico** em que **o** é vogal temática, seguida pelo sufixo flexional de número plural **-s**. Na perspectiva diacrônica, observamos um elemento pospositivo com origem no grego **-urgos**, forma contrata do substantivo de agente **érgon** (“ação”). Esse elemento, a partir do Renascimento, revelou-se muito produtivo, seguindo o padrão de *dramaturgia* e encerrando a noção de “atuação, representação, produção”. Tem-se, então, um radical **metalurgia**, já atestado no francês em *métallurgie* em 1666. Com a perda do **-a**, vogal temática, tem-se o acréscimo do sufixo formador de adjetivo **-ic**, mais a vogal temática **-o**, seguida pelo sufixo flexional de número plural **-s**. Tem-se aqui um caso de mudança de categoria, em que um adjetivo passa a funcionar como um substantivo. No vocábulo **ourives**, podemos postular a presença do radical temático **ouro** mais o sufixo derivacional, invariável em gênero e número, **-ives**. Ambos os elementos têm origem no vocábulo latino *aurífex,icis* (“oficial que trabalha em ouro”), que por sua vez se forma a partir de *aurum,i* (“ouro”) e *facère* (“fazer”). Para o vocábulo **telegrafistas**, consideramos um radical atemático **telegraf-**, mais o sufixo temático **-ista** e adjunção

do sufixo flexional de número plural **-s**. Sendo já atestado o uso da forma histórica *telegraphista* em 1874, a composição desse substantivo se dá pela junção do elemento antepositivo **tele-**, do advérbio grego *tele* (“longe, ao longe, de longe”) e do pospositivo **-grafo**, relacionado a **-grafia** (“escrita”).

O trabalho: um elemento fundamental da cultura caxiense

Em pouco mais de cento e trinta anos, onde nada havia, construíram-se cidades, indústrias, grandes áreas cultivadas, numerosos centros de ensino, uma universidade. A menção a isso quase sempre constitui argumento suficiente para justificar a asserção de que o trabalho do imigrante foi imenso e deu bons frutos. Na tradição local, exalta-se a figura vencedora do colono, do agricultor que lavrou terras íngremes e difíceis e conseguiu não só a sobrevivência, mas também o progresso.

Ao abordar os vários aspectos vivenciais do mundo do imigrante italiano, o sociólogo Octavio Ianni (1979, p. 17) diz que “O imigrante veio de contexto em que ele precisava trabalhar para viver, principalmente o imigrante do século XIX. Veio para trabalhar, ou nas colônias, ou nas fazendas de café e, nesse contexto, ele precisava viver do seu trabalho”. Nas terras destinadas à colonização no nordeste do Rio Grande do Sul, os imigrantes vênéticos, lombardos, trentinos e friulanos tiveram de continuar a trabalhar para sobreviver. Havia, na sociedade escravocrata da época, a ideologia de que “trabalhar com as mãos era degradante”. Contudo, nessa mesma página, afirma esse estudioso:

... foram os imigrantes italianos, alemães, portugueses, espanhóis e outros que, trabalhando concretamente na fazenda de café ou nas colônias, em atividades agrícolas, artesanais, ou na indústria, por assim dizer, deram uma nova definição do trabalho, isto é, conferiram ao trabalho uma outra conceituação social. Pode-se quase dizer que eles dignificaram o trabalho braçal, o trabalho criativo, o trabalho do

operário, do lavrador, do artesão, daquele que, trabalhando com as mãos, não era mais um escravo, mas sim um cidadão como outro qualquer e que, fazendo alguma coisa com as mãos, estava produzindo alguma riqueza para si mesmo, ou para um grupo ou para a coletividade.

O historiador Mario Sabbatini (1975, p. XXI), ao analisar a formação e fundação das comunidades e a colonização da área geográfica da RCI, feita pelos imigrantes italianos, afirma que o isolamento rural, configuração marcante dessa região, foi muito importante. No âmbito material, favoreceu a preservação de modos de vida, de usos e costumes e o desenvolvimento da pequena produção agrícola independente e, também, a prática da economia familiar de subsistência. Na esfera cultural, foi particularmente forte a relação do mundo camponês com a igreja católica. Essa questão do trabalho pela sobrevivência foi sendo sucessivamente retomada, sempre com realce nesse componente do mundo do colono, por inúmeros estudiosos, principalmente brasileiros e italianos, dentre os quais são aqui citados apenas alguns: Azevedo (1975); Manfroi (1975); Ribeiro e Toniazzi 1979; Frosi e Mioranza 1983; Gubert et al. (1995); Dotti (1996); Iotti (2001); Machado (2001) ; Zannini e Gazzi (2004); Giron (2007). Todavia, não só a agricultura caracterizou a atividade dos primeiros tempos da história regional. Não faltam depoimentos de estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento a respeito das diversas profissões exercidas pelos imigrantes italianos, desde o início da colonização. Assim, para exemplificar, transcrevemos o relato de um jornalista de Caxias do Sul no qual estão relacionadas várias profissões praticadas nessa cidade já nos primeiros anos de sua formação:

“A indústria das regiões de colonização, principalmente, alemã e italiana do Estado, originou-se da atividade agrícola, embora tenham sido artífices 60% dos alemães chegados até 1830 e somente 40% agricultores; e embora, também, dentre os italianos, existirem os dotados de alguma tecnologia que lhes permitiu a implantação das cantinas para produzir o vinho e dos moinhos para esmagar o milho e o trigo. Em 1878, havia, na Colônia Caxias, um moinho a vapor na 1ª Léguas; dois na 7ª Léguas; um na 5ª Léguas e outro na 9ª Léguas, estes movidos a água. Alguns anos depois, em 1882, funcionavam em

Caxias uma fábrica de cerveja, uma de sabão, várias oficinas de ferreiro, latoeiro, correeiro, relojoarias, carpintarias e sapatarias, além das atividades de artífices como alfaiates, tecelões, seleiros, carpinteiros, marceneiros, funileiros e outros.” (RODRIGUES, 1988: 96-97).

Observa-se, portanto, a presença de atividades diversificadas que atestam as demandas de uma sociedade que crescia e de uma população que não se detinha na produção do que era básico. Perpassa pelo dado histórico essa constância do labor como condição essencial da sobrevivência e do progresso. Há nessa noção traços culturais peculiares: valoriza-se, na RCI, o trabalho *árido*. A propósito, não podemos esquecer que essa conotação se encontra no texto bíblico em que Deus diz a Adão: “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto...” (GÊNESIS 3, 17-19).

O trabalho em si, depois de ter sido, em dado momento da História, associado à criação de riqueza, assumiu um valor moral: constituía um elo entre o indivíduo e a sociedade. Nardi (2006: 29) observa que esse valor moral foi, de certa forma, sancionado pela Revolução Industrial, e a ideologia se consolida no século XIX, em que o trabalho era visto como emancipação do homem. Vê-se que a concepção de trabalho do século XIX liga-se ao traço cultural persistente que faz parte da identidade do ítalo-gaúcho de hoje. De fato, na cultura da RCI, o trabalho é um elemento de coesão social (a esse respeito, ver FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2006). Aliás, o próprio movimento migratório decorreu das importantes transformações históricas ocorridas na Europa no século XIX, conforme assinala Iotti (2001: 26). Embora tais transformações tenham concorrido para conduzir a Itália ao estatuto de nação desenvolvida, dela foram excluídos os imigrantes, conforme demonstra a autora (IOTTI 2001: 70).

A população pobre, que já havia sido excluída da vida política, foi mantida afastada de qualquer possibilidade de participar ou de obter benefícios do poder público. Os trabalhadores, mesmo quando emigravam, continuavam sendo discriminados pelas classes dirigentes, que só se interessavam em defendê-los ou tutelá-los quando vislumbravam a possibilidade de utilizá-los como mercadoria

de troca para obter vantagens comerciais.

Além dos autores já citados neste texto, outros estudos (FROSI 1987; GIRON e BERGAMASCHI 1996; PERONDI, 1999; FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2006) mencionam o grande apego ao trabalho que permeia a história da RCI. Foi o trabalho que permitiu a sobrevivência, a educação, o progresso, o projetar de novas atividades. Na mente do agricultor e, mais tarde, do comerciante, do empresário urbano e de seus funcionários, o trabalho é elemento indissociável da noção de vida digna e respeitável. A noção tem fundas raízes. Iotti (2001, p. 90) observa, no relatório de um cônsul italiano, a menção à capacidade de trabalho que permitiu ao imigrante italiano permanecer, onde outros imigrantes europeus desistiram; o cônsul exalta essa característica em seus compatriotas, assinalando as grandes dificuldades da colonização. A autora deixa claro que os cônsules e agentes consulares, que pertenciam às elites dirigentes ou portavam traços que os ligavam a elas, tratavam o emigrante “com a mesma indiferença, preconceito e desprezo que haviam manifestado pela população pobre na Itália” (Iotti 2001, p. 119), ou seja, “quando olharam os imigrantes, o fizeram sob a ótica do poder”. No entanto, não escapou a eles o traço do trabalho persistente: “Todos reconhecem as dificuldades iniciais enfrentadas pelos seus compatriotas, elogiam o trabalho dos mesmos e ressaltam suas qualidades em detrimento das dos cidadãos de outras nacionalidades (...)” (IOTTI, 2001: 120). Ou seja, mesmo discursos comprometidos com a ótica do poder reconhecem dificuldades enfrentadas e elogiam o trabalho dos primeiros imigrantes. Valoriza-se, pois, o trabalho. É através dele que o indivíduo ocupa um espaço na sociedade, amplia esse espaço, ascende, cria perspectivas e ganha respeito. Cultiva-se a idéia de que o trabalho sacrificado, difícil e custoso constitui uma qualidade. Os primeiros colonos trabalhavam duramente e ignoravam o sono, o frio e as más condições, se necessário fosse. O trabalho, assim, é elemento

fundamental e norteador da própria vida do ítalo-descendente:

“A imagem do trabalhador não é para ele um simples rótulo, ele a interiorizou através do modelo de seus antepassados, herdado de seus avós, de seus pais, e a retém de modo indelével, intacta. O ítalo-brasileiro sofre um forte impulso interior para o trabalho e o executa ao máximo possível, como uma edificação contínua, como o cumprimento de um rito, profundo e duradouro, que assinalou no seio da família e que deve ser repetido ininterruptamente para a garantia de uma vida sem miséria e sem fome.” (FROSI, FAGGION e DAL CORNO, 2006: 102-103)

Faz parte da cultura da RCI, portanto, a idéia de trabalho intrinsecamente ligada à noção de sacrifício e de anulação do trabalhador. O que vale é o produto: a dureza do processo de produção é inerente. O sacrifício valoriza o produtor. Minorar o sacrifício é tirar o mérito do produtor – o que nos remete novamente à maldição bíblica.

Deve ter sido muito cultivada essa concepção de um trabalhador que, ignorando as próprias péssimas condições de trabalho (frio, sono, terra inóspita, possíveis dores), tem em vista apenas o produto do trabalho. Faz parte da memória das pessoas a lembrança do sacrifício intenso requerido para a consecução de um resultado simples. Há histórias recorrentes sobre antepassados que carregavam um fardo pesado de milho e percorriam a pé uma grande distância, só para ir ao moinho e obter farinha; ou sobre crianças que iam à escola, de manhã bem cedo, por longos caminhos gelados, calçando tamancos grosseiros sem meias; ou sobre pessoas que, com grandes dores, concluíam um trabalho e só depois procuravam ajuda. A persistência dessas histórias nos permite acreditar que a idéia do trabalho sacrificado faça parte também do imaginário da região. Essa concepção de trabalho está bem representada em personagens da literatura, notadamente na obra de ficção de Pozenato (*O quatrilho, A cocanha, A Babilônia*). As figuras ficcionais que personificam o oposto (como o *Nanetto Pipetta*, de Bernardi, do século passado, ou o atual *Radicci*, do cartunista Carlos Iotti, personagens preguiçosos que adoram fartura sem sacrifício) parecem suscitar o riso, entre outras coisas,

justamente por revelar aquilo que deveria ficar escondido. A transgressão é só o contraponto da norma.

O fato é que o trabalho está presente na tradição, no imaginário e também no cotidiano dos habitantes, não só de Caxias do Sul mas também de toda a RCI. E isso desde os primeiros momentos de uma história difícil, em que a sobrevivência e a dignidade dependiam do esforço e do sacrifício. A necessidade de sobrevivência pode ter determinado toda uma estruturação da vida familiar, cuja coesão se solidificava também pelo trabalho conjunto e pelo objetivo comum. Ou talvez só tenha sido possível por contar com essa estrutura familiar forte. Os elos são fortes, é difícil deslindá-los. Dependia da família, segundo Giron (2007, p. 39), a produção, e seu trabalho permitia “a manutenção de seu valor maior: a propriedade da terra”. Assim, a família era básica para manter a terra produzindo, e a terra era conservada graças a esse trabalho. “Nas histórias de família, o trabalho tem mais valor que a religião”, diz Giron (2007, p. 49), visto que ele permite manter a terra. Ligado à família e à terra, portanto, o trabalho garante a sobrevivência e também a liberdade, pois, sem terra, o colono teria que trabalhar para alguém. Giron (2007, p. 50) completa: “O trabalho, como forma de enriquecimento, constitui o mito fundador da região.” Era um dos elos da família e um dos traços identificadores da etnia. Também era um valor a ser transmitido aos filhos: não havendo terra para todos, o trabalho torna-se uma herança. “Já que não é possível transmitir riqueza, nada melhor que transmitir um dos meios para consegui-la”, assinala Giron (2007, p. 51). Está no âmago da cultura da RCI (e, no que aqui nos interessa, de Caxias do Sul) a visão do trabalho como libertador – do patrão, da pobreza, da solidão e do confinamento. Além disso, o trabalho une a família, a comunidade, as gerações. Faz parte da tradição, da convivência social e do imaginário da RCI. Encontra respaldo na valorização contemporânea da riqueza. E adquire foros de elemento fundamental numa

sociedade que preconiza que a ociosidade é a mãe de todos os vícios, e acredita no valor de quem se faz pelo trabalho. Em nada surpreende, pois, a presença de hodônimos de profissões em Caxias do Sul, um modo não pouco relevante de manifestar homenagem aos humildes produtores da riqueza dessa cidade.

Referências bibliográficas

- ARQUIVO Histórico João Spadari Adami. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul – RS.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos e gaúchos*. Porto Alegre: A nação DAC/SEC, 1975.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução pelo Centro Bíblico Católico. 51. ed. São Paulo: Ave Maria, 1986.
- BUZZI, Vittore e BUZZI, Cláudio. *Le vie di Milano. Dizionario di toponomastica milanese*. Milano: Hoepli, 2005.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997
- DOTTI, Corina M. mulheres-professoras: tensões e divisões. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn e MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Imigração Italiana e Estudos italo-brasileiros*. Caxias do Sul: Educus, 1996.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FROSI, Vitalina Maria. I dialetti italiani nel Rio Grande do Sul e il loro sviluppo nel contesto socioculturale ed econômico: prevalenza del dialetto veneto. In: LO CASCIO, Vincenzo (Org.) *L'italiano in America Latina*. Firenze: Felice le Monnier, 1987.
- FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle O. Mantovani. Bilingüismo, identidade étnica e atitudes lingüísticas. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATTISTI, Elisa (orgs.). *Cultura regional 2*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2006.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. Porto Alegre: Movimento; Caxias do Sul, RS: EDUCS/ISBIEP, 1975.
- GIRON, Loraine Slomp. Identidade: região e valores. In: GIRON, Loraine Slomp; RADÜNZ, Roberto (Orgs.). *Imigração e cultura*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.
- GUBERT, Renzo et al. *Cultura e sviluppo: um'indagine sociologica sugli immigrati italiani e tedeschi nel Brasile Meridionale*. Milano: Franco Angeli, 1995.
- GUCCERELLI, Demetrio. *Stradario storico biografico della città di Firenze*. Roma: Multigrafica. 1985. Ristampa Anastatica dell'edizione originale – Firenze 1929.
- IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. *Anais do I e do II Fórum de estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul, RS: Educus; Porto Alegre: EST, 1979.
- IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder*. 2. ed. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2001.

- MACHADO, Maria Abel. *Mulheres sem rosto, operárias de Caxias do Sul -1900/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 1998.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, IEL/DAC, SEC, 1975.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- NARDI, Henrique C. *Ética, trabalho e subjetividade*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- POZENATO, José Clemente. *A cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, xxx.
- POZENATO, José Clemente. *A Babilônia*. Caxias do Sul, RS: Maneco, 2006.
- POZENATO, José Clemente. *O quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- RIBEIRO, Cleodes M. Piazza Júlio e TONIAZZO, Maria Elena P. O artesanato feminino na Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn e MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Imigração Italiana e Estudos ítalo-brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- RODRIGUES, Jimmy. *Anotações de história de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.
- SABBATINI, MARIO. *La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul: gli insediamenti nelle aree rurali* (estratto), Firenze: Cultura Cooperativa, 1975, pp. XI-XXXVII.
- VANNINI, Ismael Antônio. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana do Rio Grande do Sul – 1906-1970*. 2.ed. Passo Fundo, RS: UPF; Porto Alegre: EST, 2004.
- ZANNINI, Andréa e GAZZI, Daniele. *Contadini, emigranti, “colonos”; tra le prealpi venete e il Brasile meridionale: sotira e demografia, 1780-1910*. Tomo II. Treviso: Canova, 2004.
- ZINGARELLI, Nicola di. *Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1983.